

## AS CORES FEMININAS DE CORA CORALINA: UM TRATADO DE NÃO EXCLUSÃO NO POEMA “MULHER DA VIDA, MINHA IRMÃ”

### THE FEMININE COLORS OF CORA CORALINA: A TREATY OF NON- EXCLUSION IN THE POEM “MULHER DA VIDA, MINHA IRMÃ”

Luiza Liene Bressan da Costa<sup>1</sup>

Marília Köenig<sup>2</sup>

**Resumo:** O presente artigo tem como objetivo analisar a abordagem do feminino em Cora Coralina por meio do poema “Mulher da Vida, Minha Irmã”. Para tanto, avaliamos a confluência do olhar inclusivo da poetisa sobre a diversidade das e nas pessoas, traço predominante na poesia dela. O trabalho se justifica pela atualidade do tema, pela valorização do feminino em todos os seus matizes na sociedade em que vivemos — patriarcal e preconceituosa. A visão da poetisa “tardia” estabelece uma relação de interdiscursividade com as questões defendidas pelo movimento feminista. Ao pensarmos as questões relacionadas ao gênero em Cora Coralina, realizamos sobre a exclusão histórica do feminino na Literatura. O fazer poético nela é, também, um tratado do ser mulher na sociedade, compreendendo que o texto em verso expressa valores e crenças de quem o compõe, pois está imbricado nas questões plurais de toda a sociedade, no entendimento de Louro (2000). Quanto à metodologia, baseamo-nos em um levantamento bibliográfico com vistas à pesquisa exploratória, no que concerne ao objetivo ora traçado. Em definitiva, na análise do poema “Mulher da Vida, Minha Irmã”, Cora Coralina traz à tona uma das identidades do feminino, maculada por milênios de patriarcado judaico-cristão, mas que ela acolhe e resgata em sua linguagem simples, balsâmica, empática e extremamente humana.

**Palavras-chave:** Feminino. Inclusão. Cora Coralina.

**Abstract:** This article aims to analyze Cora Coralina’s approach to the feminine through the poem “Mulher da Vida, Minha Irmã”. To this end, we evaluate the confluence of the poetess’ inclusive view of the diversity of and within people, a predominant trait in her poetry. The work is justified by the topicality of the theme, by the valorization of the feminine in all its nuances in the society in which we live — patriarchal and prejudiced. The poetess’ “late” vision establishes an interdiscursive relationship with the issues defended by the feminist movement. When considering gender-related issues in Cora Coralina, we reflect on the historical exclusion of the feminine in Literature. Her poetic work is also a treatise on being a woman in society, understanding that the verse expresses the values and beliefs of its author, as it is intertwined with the plural issues of society as a whole, according to Louro (2000). Regarding methodology, we based ourselves on a bibliographic survey with a view to exploratory research, concerning the objective outlined here. Ultimately, in her analysis of the poem “Mulher da Vida, Minha Irmã”, Cora Coralina brings to light one of the identities of the feminine, marred by millennia of Judeo-Christian patriarchy, but which she embraces and rescues in her simple, soothing, empathetic, and extremely human language.

**Keywords:** Feminine. Inclusion. Cora Coralina.



Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Compartilha Igual 4.0 Internacional

<sup>1</sup> Doutora em Ciências da Linguagem pela Universidade do Sul de Santa Catarina. Mestra em Ciências da Linguagem pela Universidade Federal de Santa Catarina. Professora na área de linguagens dos cursos de Direito, Pedagogia, Medicina Veterinária, Administração, Sistemas de Informação e Enfermagem do Unibave. *E-mail:* llbc@yahoo.com.br.

<sup>2</sup> Jornalista, licenciada em Letras Português/Inglês, consultora em Comunicação nas organizações, palestrante e professora universitária. Graduada em Jornalismo pela Universidade do Sul de Santa Catarina, Especialista em Comunicação nas Organizações, Mestra e Doutora em Ciências da Linguagem pela Universidade do Sul de Santa Catarina. *E-mail:* maiam\_78@hotmail.com.

## CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Neste artigo, analisaremos alguns versos do poema intitulado “Mulher da Vida, Minha Irmã”, escrito pela poetisa goiana Cora Coralina (1889-1985) e que discorre sobre a construção de papéis sociais femininos estanques, criados em volta de imagens femininas rechaçadas pelo patriarcado cristão que, costumeiramente, condena e ostraciza as diversidades de gênero presentes na sociedade, assim como as mulheres que vivem à margem dela, ainda que se utilize da imagem destas para exercer o seu proselitismo iconoclasta e misógino, usando-as como exemplo doutrinário do que as pessoas “não devem ser” ou “não devem fazer”.

Assim, a poetisa, em seus versos, tece uma defesa voltada para essas mulheres que recebem características pejorativas por não poderem ser nem fazer distintamente o que são e fazem, por não seguirem os moldes estipulados socialmente para a categoria mulher há mais de vinte séculos de construção histórica, cujo estofamento judaico-cristão ostraciza o feminino e o coloca em um limbo.

Cora apresenta um olhar solidário, empático e acolhedor para elas ao chamá-las de “irmã”, construindo um novo sentido para este substantivo — quase adjetivando-o em sua forma mais do que em seu conteúdo — e trazendo a sororidade como uma nova dinâmica no jogo de palavras de seus versos, que unem um campo semântico acessível e sonoro à praticidade de uma vida palmilhada de gestos simples — como o foi a sua.

Assim, este trabalho dividir-se-á em três partes a partir daqui: Percurso Metodológico, onde traçaremos a metodologia seguida para a investigação e posterior escrita desse artigo; o Marco Teórico, no qual apresentaremos detalhes biográficos de Cora Coralina; e, por último, a seção de Resultados e Discussão, onde apresentaremos a análise poética que aqui propomos realizar, a partir de uma perspectiva de gênero.

## 1 PERCURSO METODOLÓGICO

Nossa pesquisa aqui trazida ancora-se em um levantamento bibliográfico, o que *per se* constitui-se como um estudo de natureza básica, de abordagem qualitativa, cujo objetivo é fundamentalmente exploratório. Esta investigação é um dos resultados oriundos de nossas pesquisas realizadas em conjunto no Grupo de Estudos Filhas de Avalon, que estuda a literatura produzida por mulheres.

Para realizá-lo, analisamos o poema “Mulher da Vida, Minha Irmã” pensando a ótica da sociedade patriarcal que vem atravessando séculos e deixando marcas até hoje na organização familiar, onde a maternidade e a vida doméstica insistem em ser os únicos nortes que uma parcela considerável da sociedade destina às mulheres “direitas”.

O poema rompe essa lógica social acachapante. Por seu caráter inclusivo, insere a “mulher da vida” na beleza do verso, apresentando-a como ser humano digno de respeito, independentemente de sua exclusão milenar por parte de quem, muitas vezes, se beneficia delas e de seu labor, mas hipocritamente as condena.

Antes de entrarmos diretamente no poema em tela, na próxima seção, traçaremos algumas linhas sobre a biografia dessa poetisa.

## 2 MARCO TEÓRICO

### 2.1 Cora Coralina e a valorização da simplicidade

IMAGEM 1 — Cora Coralina em diferentes fases da vida



Fonte: <https://karinaaldrighis.blogspot.com/2010/04/biografia-cora-coralina.html>  
Acesso em: 08 dez. 2025

Ana Lins dos Guimarães Peixoto Bretas ou Cora Coralina (Cf. Imagem 1), como a conhecemos, nasceu na cidade de Goiás, Goiânia, na antiga Villa Boa de Goyaz, em 20 de agosto de 1889. Era filha de um desembargador e foi criada na “Casa Velha da Ponte<sup>3</sup>”, por sobre o Rio Vermelho.

Tendo sido ela mesma uma pessoa bastante rechaçada em sua infância pela própria família, pois era uma menina triste e feia se comparada às suas irmãs mais velhas, ainda muito jovem e, de maneira completamente inesperada, fugiu de casa com um homem que ainda era casado, Cantídio Tolentino de Figueiredo Brêtas, um advogado que por ali estivera de passagem e se encantara com ela.

Muito mais velho do que a jovem e já muito bela Ana, ele a conquistou e a levou para longe, onde constituíram uma grande família com o nascimento e a criação de seis filhos. Ela dedicou-se a esse marido e à sua prole que tiveram, à casa onde viveram e às suas flores, sempre escrevendo e guardando os seus escritos, levando uma vida humilde e tranquila. Após enviuar, com os filhos já direcionados na vida, ela sentiu o chamado de volta ao seu rincão de origem, de onde saíra difamada 45 anos antes.

Novamente na Casa da Ponte, onde viveria até morrer, de maneira surpreendente, fazendo e vendendo doces, ela ressignificou a sua existência ao ser visitada um dia por Carlos Drummond de Andrade, que estava ali a passeio e escutara falar dessa senhora criativa, prezada e gentil, que escrevia poemas enquanto fazia doces.

Lançada nacionalmente por ele em termos literários no ano de 1965, de quem ganhara uma máquina de escrever, ela produziu poeticamente pelos próximos 19 anos, encantado quem a lia e quem a visitava em sua casa, onde ela recebia as pessoas interessadas em comprar os seus produtos e conhecer a sua poesia.

A despeito do fato de soar clichê, Cora Coralina foi R-E-A-L-M-E-N-T-E uma mulher à frente de seu tempo — em muito, devido à Literatura. Apesar de escrever desde adolescente, apenas publicou o seu primeiro livro aos 76 anos de idade, sendo imediatamente aclamada por ele e pelos outros que se seguiriam.

Foi uma pessoa modesta e amável a vida inteira; uma “doceira de profissão e literata por amor”, como ela costumava dizer, e que procurou, em seus textos, desde os 14 anos de

---

<sup>3</sup> Construída em meados do século XVIII, é uma das primeiras edificações da antiga Villa Boa de Goyas. Tinha como objetivo servir de sede o recolhimento do Quinto Real na região. Foi herdada por seu pai, após haver sido repassada geracionalmente, e hoje é um museu dedicado a Cora Coralina.

idade, trabalhar o feminino em sua essência, inserindo neles pautas feministas diversas — como os papéis da mulher e sua participação dentro dos espaços domésticos e públicos da atualidade.

Utilizando-se de um campo semântico acessível e de construções estilísticas ao mesmo tempo ricas em conteúdo, mas singelas na forma, nossa doceira-poetisa alcança os mais variados públicos, que são impactados por sua mensagem empoderadora, inspirada e inspiradora, ultrapassando a barreira do falocentismo e do etarismo literários, fazendo chegar até nós as suas palavras balsâmicas, impregnadas de sororidade e embebidas em amor.

As temáticas do universo feminino que ela aborda em sua criação poética são primordiais para a discussão de nossa agenda de demandas feministas atuais e que conversam com o que ela defendia enquanto viveu e escreveu — o que faz dela uma escritora atemporal.

Ademais, Cora Coralina buscou, por meio de seus versos, defender aquelas que são excluídas, consideradas párias e periféricas, além de inserir novamente essas mulheres na sociedade por meio da palavra escrita, do seu estro.

### 3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

#### 3.1 Análise poética de alguns versos de “Mulher da Vida, Minha Irmã”

Nesta subseção, concentrar-nos-emos neste poema de nossa poetisa, dedicado por ela ao Ano Internacional da Mulher (1975), com a publicação aqui de 1993:

#### MULHER DA VIDA, MINHA IRMÃ

Mulher da Vida,  
minha Irmã.

De todos os tempos.  
De todos os povos.  
De todas as latitudes.  
Ela vem do fundo imemorial das idades e  
carrega a carga pesada dos mais  
torpes sinônimos,  
apelidos e apodos:  
Mulher da zona,  
Mulher da rua,  
Mulher perdida,  
Mulher à-toa.  
Mulher da Vida, minha irmã.  
Pisadas, espezinhas, ameaçadas.

Desprotegidas e exploradas.  
Ignoradas da Lei, da Justiça e do Direito.  
Necessárias fisiologicamente.  
Indestrutíveis.  
Sobreviventes.

Possuídas e infamadas sempre por  
aqueles que um dia as lançaram na vida.  
Marcadas. Contaminadas,  
Escorchadas. Discriminadas.

Nenhum direito lhes assiste.  
Nenhum estatuto ou norma as protege.  
Sobrevivem como erva cativa dos caminhos,  
pisadas, maltratadas e renascidas.

Flor sombria, sementeira espinhal  
gerada nos viveiros da miséria, da  
pobreza e do abandono,  
enraizada em todos os quadrantes da Terra.

Um dia, numa cidade longínqua, essa  
mulher corria perseguida pelos homens que  
a tinham maculado. Aflita, ouvindo o  
tropel dos perseguidores e o sibilo das pedras,  
ela encontrou-se com a Justiça.  
A Justiça estendeu sua destra poderosa e  
lançou o repto milenar:  
“Aquele que estiver sem pecado  
atire a primeira pedra”.

As pedras caíram  
e os cobradores deram s costas.

O Justo falou então a palavra de equidade:  
“Ninguém te condenou, mulher...  
nem eu te condeno”.

A Justiça pesou a falta pelo peso  
do sacrifício e este excedeu àquela.  
Vilipendiada, esmagada.  
Possuída e enxovalhada,  
ela é a muralha que há milênios detém  
as urgências brutais do homem para que  
na sociedade possam coexistir a inocência,  
a castidade e a virtude.

Na fragilidade de sua carne maculada  
esbarra a exigência impiedosa do macho.

Sem cobertura de leis  
e sem proteção legal,  
ela atravessa a vida ultrajada  
e imprescindível, pisoteada, explorada,



nem a sociedade a dispensa  
nem lhe reconhece direitos  
nem lhe dá proteção.  
E quem já alcançou o ideal dessa mulher,  
que um homem a tome pela mão,  
a levante, e diga: minha companheira.

Mulher da Vida,  
minha irmã.

No fim dos tempos.  
No dia da Grande Justiça  
do Grande Juiz.  
Serás remida e lavada  
de toda condenação.

E o juiz da Grande Justiça  
a vestirá de branco em  
novo batismo de purificação.  
Limpará as máculas de sua vida  
humilhada e sacrificada  
para que a Família Humana  
possa subsistir sempre,  
estrutura sólida e indestrutível  
da sociedade,  
de todos os povos,  
de todos os tempos.

Mulher da Vida,  
minha irmã.

Declarou-lhe Jesus: Em verdade vos digo que publicanos e meretrizes vos precedem  
no Reino de Deus.  
Evangelho de São Mateus 21, vers. 31.

Ao cogitarmos as questões relacionadas ao gênero, em Cora Coralina, pensamos, de igual maneira, nos construtos teóricos sobre a exclusão histórica do feminino na Literatura. O fazer poético, nessa poetisa, é também um tratado do ser mulher na sociedade, compreendendo que o texto em verso expressa valores e crenças, pois está imbricado nas questões plurais de toda a sociedade. Louro (2000, p. 6) afirma que:

É, então, no âmbito da cultura e da história que se definem as identidades sociais (todas elas e não apenas as identidades sexuais e de gênero, mas também as identidades de raça, de nacionalidade, de classe etc.). Essas múltiplas e distintas identidades constituem os sujeitos, na medida em que esses são interpelados a partir de diferentes situações, instituições ou agrupamentos sociais. Reconhecer-se numa identidade supõe, pois, responder afirmativamente a uma interpelação e estabelecer um sentido de pertencimento a um grupo social de referência.

E de que identidade nos fala Cora em “Mulher da Vida, Minha Irmã”? E por que “minha irmã”? Pensando sob a lente da sociedade ocidental patriarcal, que vem ultrapassando séculos e deixando suas marcas na organização familiar tradicionalmente judaico-cristã, para a qual a vocação “natural” da mulher para a maternidade e para a vida doméstica eram os únicos anseios femininos aceitáveis até bem recentemente, essa mulher “da vida” que ela trata no poema que aqui analisaremos ato seguido, muitas vezes desvirtua esse padrão comportamental, é indesejável.

O poema em questão rompe a lógica social e insere a “mulher da vida”, apresentando-a como um ser humano cuja exclusão é milenar. Nos primeiros versos, a “mulher da vida” é apresentada como excluída, espezinhada, sofrida, desprotegida e marginalizada. A seleção lexical, ao longo do poema, trata de enfatizá-la como alguém à margem da sociedade, produto do patriarcado opressor e que a trata como corpo reificado e destinado a proporcionar satisfação ao Outro — não a ela especialmente. Coralina explora, no poema em análise, essa ideia da marginalidade, da periferia enquanto corpo colonizado, atravessado por dezenas de rótulos, evocando a intertextualidade com uma passagem muito conhecida da Bíblia, como se pode comprovar nestes versos:

Um dia, numa cidade longínqua, essa  
mulher corria perseguida pelos homens que  
a tinham maculado. Aflita, ouvindo o  
tropel dos perseguidores e o sibilo das pedras,  
ela encontrou-se com a Justiça.  
A justiça estendeu sua destra poderosa e  
lançou o repto milenar:  
“Aquele que estiver sem pecado  
atire a primeira pedra”. (Coralina, 1993. p. 203).

Aquela a quem a sociedade apedreja, explora e exclui, é acolhida pela Justiça, entendida aqui como a justiça que se institui pelo relato bíblico em que Jesus não condena, mas acolhe. Nesta perspectiva de transformação e reconstrução da identidade da mulher, a obra coralinaiana evidencia a “mulher da vida” que se firma enquanto autônoma a partir de sua formação e de suas escolhas. Essa defesa do feminino maculado e de uma Justiça está associada à religiosidade de cunho judaico-cristão, pois a poetisa registra, nos últimos versos, essa ideia ao poetizar:

E o juiz da Grande Justiça  
a vestirá de branco em  
novo batismo de purificação.  
Limpará as máculas de sua vida  
humilhada e sacrificada. (Coralina, 1993, p. 204).



Constatamos, por assim dizer, a inegável preocupação de Cora Coralina com as mulheres de seu tempo, mormente com as desprovidas de privilégios. Por outro lado, sua poesia é marcada pela sujeição ao padrão hegemônico exigido e isso a fez recorrer à formação religiosa que professava para poder se expressar como “irmã” das “mulheres da vida” que ela eternizou em sua sensibilidade poética.

Ainda assim, inscrita nesse assujeitamento, às representações sociais do seu tempo, submetida às imagens/valores/significações/convenções que informam sua subjetividade, escolheu como forma de luta e de realização pessoal, a poesia. Sua constituição como poetisa se dá na experiência de um sujeito discriminado e que adotou o fazer poético como libertação das amarras sociais que dualizam o feminino manifesto nas mulheres entre “mulheres da vida” e “mulheres puras, castas”.

A linguagem poética permitiu a expressão desse dualismo e como afirma Brait (2017), o escritor/poeta:

Como um bruxo que vai dosando poções que se misturam num mágico caldeirão, o escritor recorre aos artifícios oferecidos pela linguagem, a fim de engendrar suas criaturas. Quer elas sejam de sua vivência real ou imaginária, dos sonhos, dos pesadelos ou das mesquinharias do cotidiano, a materialidade desses seres só pode ser atingida por meio de um jogo de linguagem que torne tangível a sua presença e sensíveis aos seus movimentos. (Brait, 2017, p. 74).

Nesse sentido, a poética de Cora Coralina, analisada no poema em estudo, reverbera na linguagem que dá expressão a todos os que estão na marginalidade do que é socialmente requerido. Cora Coralina e sua poesia sensível imergem nessas imagens rechaçadas e atingem o cerne desses seres tão sumamente obnubilados.

Em torno do poema, pode-se destacar mais um aspecto progressista da poesia coraliniana: a quebra de paradigmas tão caros à sociedade patriarcal. Observa-se, por sua visão inclusiva da “mulher da vida”, um descentramento da identidade desse indivíduo, em consonância com Hall (2006), destacando-se a pluralidade do ser mulher no contexto pós-moderno, já anunciado na poesia de Cora. Nesse cenário, aponta o teórico,

“[...] as identidades, que compunham as paisagens sociais ‘lá fora’ e que asseguravam nossa conformidade subjetiva com as “necessidades” objetivas da cultura, estão entrando em colapso, como resultado de mudanças estruturais e institucionais”. (Hall, 2006, p. 12).

Portanto, a ideia da mulher “direita” e da “prostituta” como papéis marcados de maneira maniqueísta, bem aos moldes patriarcais — e, por assim dizer, cristãos —, passa a ser confrontada pelo caráter transitório das identidades pós-modernas, contrariando o paradigma do feminino “ideal” e do “marginal” para esse sistema.

Nesse poema, de acordo com Ferreira e Neves (2014, p. 9), Cora Coralina inclui, reiteramos, em seu fazer poético “[...] as mulheres excluídas, silenciadas, tornadas invisíveis, obscurecidas pelo preconceito, pela desigualdade de direitos, respeitando a diferença”. E acrescentamos: considera-as suas iguais, suas irmãs, muito provavelmente também porque sua atitude quando jovem — sair de casa fugida, com um homem casado, e somente voltar décadas depois — atraiu para si os adjetivos menos considerados da Língua Portuguesa, tendo sido ela também tida como uma “mulher da vida” naquele momento de sua trajetória.

Contudo, ela deu uma nova conotação para esse termo pejorativo. Tornou-se uma mulher que viveu a sua **VIDA** o mais plenamente possível, de acordo com os seus valores e volição, que aprendeu e ensinou muito sobre a **VIDA**, que alegrou a **VIDA** dos que estavam em seu entorno e que continua nos infundindo **VIDA** por meio de seus poemas. Cora Coralina, uma mulher da **VIDA**!

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como considerações finais, ainda que inacabadas, pode-se afirmar o quanto a “poetisa tardia” esteve à frente de seu tempo, compartilhando, em suas obras, olhares livres de preconceitos e dotados de acolhimento. Cora Coralina constitui, desse modo, uma voz de oposição à visão da sociedade patriarcal, deveras excludente, em torno das ditas “mulheres da vida”, enxergando nelas suas semelhantes, suas irmãs.

Assim, ao revisitarmos esse poema, percebemos que Cora não se limita a registrar a vida dessas mulheres — ela as recolhe. Ela as devolve à cena com dignidade, com nome, com rosto, com história. E, nesse movimento, abre uma brecha luminosa dentro de um tempo que ainda insistia em calar, ferir e moralizar corpos femininos.

Cora faz o que tantas de nós seguimos tentando fazer: enxergar a outra para além do rótulo, do julgamento apressado, da narrativa que não fomos nós que escrevemos. Ela antecipa, com décadas de distância, uma consciência que hoje ecoa com força nos estudos do feminino e nas práticas feministas contemporâneas: a certeza de que não estamos em lados

opostos; estamos do mesmo lado da luta pela vida, pela dignidade, pelo direito de existir sem vergonha.

E é justamente aí que reside a força visionária da autora: ao chamar aquela mulher de “minha irmã”, Cora rasga o véu da rivalidade inventada pelo discurso ginecófobo e inaugura uma ética de reconhecimento — uma ética que, ainda agora, seguimos aprendendo a sustentar.

Em suma, Cora Coralina não apenas escreveu sobre as mulheres. Ela escolheu estar com elas. E essa escolha — simples, humana, radical — segue sendo uma das maiores lições que a Literatura pode oferecer ao nosso tempo.

## REFERÊNCIAS

ALDRIGHIS, K. Biografia Cora Coralina. **Caderno de Poesias** — Blog. Disponível em: <https://karinaaldrighis.blogspot.com/2010/04/biografia-cora-coralina.html>. Acesso em: 08 dez. 2025.

BRAIT, B. **A personagem**. São Paulo: Contexto, 2017.

CORALINA, C. **Poemas dos becos de Goiás e estórias mais**. 18 ed. São Paulo: Global, 1993.

FERREIRA, J. da C. NEVES, A. L. M. de S. Cores, cheiros e sabores: a mulher em Cora Coralina. In: **Anais do Cintedi** — I Congresso Internacional de Educação e Inclusão. Universidade Estadual da Paraíba, p. 01-10, 2014. Acessível em: [editorarealize.com.br/editora/anais/cintedi/2014/Modalidade\\_1datahora\\_03\\_11\\_2014\\_15\\_34\\_25\\_idinscrito\\_422\\_f320ab807634af6a2cb16b742bad1901.pdf](http://editorarealize.com.br/editora/anais/cintedi/2014/Modalidade_1datahora_03_11_2014_15_34_25_idinscrito_422_f320ab807634af6a2cb16b742bad1901.pdf). Acesso em: 21 out. 2025.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 11 ed. Rio de Janeiro: DP & A, 2006.

LOURO, G. L. **O corpo educado: Pedagogias da sexualidade**. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

SANTOS, S. N. dos. A Condição Feminina em Cora Coralina e sua Interface com o Projeto Mulheres Coralinas: Estudo Léxico-Cultural. **Humanidades & Inovação**, v. 6, n. 8, p. 198-209, 2019. Disponível em: <https://revista.unitins.br/index.php/humanidadeseinovacao/article/view/985>. Acesso em: 22 out. 2025.



Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em História e Letras (PPGIHL)  
Faculdade de Educação, Ciências e Letras do Sertão Central (Feclesc)  
Universidade Estadual do Ceará (Uece)  
<https://revistas.uece.br/index.php/kixara>  
[revistakixara@uece.br](mailto:revistakixara@uece.br)

### COMO CITAR ESTE ARTIGO:

COSTA, Luiza Liene Bressan da; KÖENIG, Marília. As cores femininas de Cora Coralina: um tratado de não exclusão no poema “Mulher da Vida, Minha Irmã”. **Kixará**, Quixadá, v. 2, n. 2, p. 15-26, maio/ago. 2025.

**Submetido em:** 04/12/2025

**Aceito em:** 13/12/2025

**Publicado em:** 19/12/2025

**Edição:** Yls Rabelo Câmara

**Diagramação:** Francisco Edvander Pires Santos